

DUAS DÉCADAS EM RETROSPECTO: O ENTRELAÇAMENTO DA EDITORIA, DO ENSINO E DA PESQUISA

Para ser, temos que nos narrar, e nessa conversa sobre nós mesmas há muitíssima conversa fiada: nós nos mentimos, nos imaginamos, nos enganamos. O que contamos hoje sobre a nossa infância não tem nada a ver com o que contaremos dentro de vinte anos.

Rosa Montero, 2008.

Pensar (ou revisar) a história da *Revista Ártemis*, pelo menos a partir do meu foco e lugar, como membro do corpo editorial, é algo imediatamente ligado a inevitável retomada dos caminhos que segui pela Universidade Federal da Paraíba. É também perseguir um pouco as trilhas da minha quase “infância” por aqui, a partir do início dos anos 2000. Portanto, nesse texto parto das experiências individuais para chegar ao que percebo como o impacto positivo e coletivo que a editoração da revista vem representando desde sua criação.

Ingressei na UFPB em 2002, sendo que a *Ártemis* foi criada quase que à época da minha chegada, em 2004, ainda que eu não tenha feito parte do núcleo que a criou. Eu aportei aqui na UFPB com um doutorado realizado em Florianópolis, encerrado em 2001, na área de Letras Estrangeiras (Inglês) e em diálogo com os estudos feministas, doutorado esse orientado pela professora Dra. Susana Bornéo Funck, da UFSC.

Minha inserção na UFPB ocorreu no Departamento de Letras Estrangeiras Modernas (DLEM) e, de início, me vi primordialmente envolvida com o preparo de disciplinas de língua e literaturas de língua inglesa para a Graduação, centrando ali minhas energias de trabalho. Já em 2003, quando oferecemos, como departamento, uma Especialização em inglês e suas literaturas, fui aos poucos me aproximando da Pós-Graduação em Letras. Ainda naquele ano fiz parte da comissão organizadora do 1. Seminário Internacional Mulher e Literatura (ANPOLL), que ocorreu em João Pessoa. Minha participação na organização desse seminário, juntamente com várias outras colegas de departamento e centro, fez com que eu conseguisse dar início à costura entre pesquisas anteriores no campo da literatura e do feminismo e os futuros trabalhos que viria a desenvolver na UFPB.

Meu ingresso na Pós em Letras deu-se em uma linha de estudos vinculado à escrita de mulheres e memória, onde Nadilza Moreira também se inseria, professora que atuou junto à *Ártemis* por vários anos como parte do conselho científico e na qualidade

Liane Schneider

Professora titular aposentada da Universidade Federal da Paraíba. Doutora em Literaturas de Língua Inglesa pela UFSC, com pós-doutorado pela Universidade de Alberta, Canadá. Membro do Grupo de Pesquisa GEFIS/UERJ/CNPq, do Grupo Feminismos e Decolonialidade (UFPB/CNPq) e do GT da ANPOLL desde 2004. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5476-2065>. E-mail: schliane@gmail.com

de parecerista. Essa linha de pesquisa do PPGL/UFPB passou por várias reformulações ao longo dos tempos; hoje, intitula-se **estudos feministas e decoloniais** e conta com a participação de várias/os novas/os professoras/es da casa. Portanto, minha inserção em atividades de cunho feminista dentro da academia deu-se nessas trocas – através de eventos, com o Fórum de Mulheres da UFPB, com o Coletivo Cunhã (isso para além da universidade), com colegas da pós-graduação e em contatos com a *Revista Ártemis*. Aliás, foi a partir de diversos convites para participar como parecerista da revista ao longo daqueles anos iniciais na instituição que fui me aproximando do grupo que já organizava essa publicação acadêmica desde sua criação.

Passei a frequentar os encontros de pauta, de definição de linhas para os números, colaborando com definição de propostas para editais, inclusive com eventuais aportes financeiros para cobrir os custos da revista, que muitas vezes eram divididos entre nós. Em consequência, acabei sendo convidada a compor oficialmente o corpo editorial da revista, acredito que a partir do ano de 2007.

O caráter interdisciplinar dos estudos de gênero e feministas, além de propostas claramente transversais que a *Revista Ártemis* promovia, ampliaram meu conhecimento em relação a outras pessoas que se voltavam a essa área de interesse na nova instituição em que me inseria, como por exemplo, colegas do Direito, Comunicação, História, Antropologia, Sociologia, ou seja, pessoas de outras áreas que a minha, de Letras.

Várias de nós, membros do conselho editorial da revista, assumimos ao longo dos anos cargos de gestão na UFPB. No meu caso, atuei como Vice coordenadora e, em seguida, Coordenadora da Pós-Graduação em Letras (2005 a 2009), o que também ocorreu no caso da professora Loreley Garcia (que coordenou a Pós em Sociologia) e de Luciana Calado Deplagne (também tendo sido vice-coordenadora da Pós em Letras).

Dessa forma, como coordenadoras, pudemos certamente apoiar e estimular as publicações dos programas que coordenávamos, entre as quais a *Revista Ártemis*, apresentando e defendendo junto aos colegiados a importância de se investir em periódicos comprometidos com pesquisa séria e inovadora. Tentávamos viabilizar a contratação eventual de revisores, editores digitais, por vezes sem sucesso. Com o passar do tempo, nossa participação mais ampla na esfera universitária fez com que a revista também se tornasse mais profissional.

Mais recentemente, além da publicação de artigos e resenhas, temos divulgado e promovido a organização de dossiês, os quais inicialmente eram editados por nós, mas, aos poucos, esses passaram a ter uma seleção a partir de propostas de organização por parte de renomadas/os professoras/es do Brasil e do exterior, para além da esfera da UFPB. As temáticas centrais dos dossiês sempre foram variadas e interdisciplinares, indicando o elo entre essas diferentes publicações: o gênero, o feminismo, a sexualidade, um eixo constante de aproximação entre olhares diversos. Dentre os dossiês, cabe citar um sobre o riso, outro sobre o corpo das mulheres, a decolonialidade, literaturas ameríndias, medievais, enfim, uma vasta gama de estudos com enfoques feministas.

Nos últimos dois anos passamos a participar de reuniões sobre publicações feministas internacionais, organizadas a priori por um grupo de professoras e/ou editoras da Grã-Bretanha, conversando ali com editoras feministas da Índia, Estados Unidos, México, entre outras. Ainda estamos averiguando de que forma essas reuniões e debate sobre a prática da editoração poderão impactar os futuros caminhos da revista.

Recentemente uma parte do grupo editorial da Revista *Ártemis* aposentou-se. Por enquanto, uma editora apenas está na ativa e as outras, entre as quais me incluo, continuam atuando no periódico mesmo aposentadas. Contudo, apenas essa mudança de status ativo/inativo por membros do comitê editorial já aponta que o grupo deverá ser renovado, agregando novos membros afinados com a proposta geral da *Ártemis*, a fim de que, ainda que passando por reformulações, o periódico mantenha seu importante papel, já que certamente foi (ou tem sido) uma espécie de farol para os estudos feministas e de gênero na instituição, no estado e na região, propiciando trocas de outra forma pouco prováveis entre estudiosas atreladas a diferentes setores e órgãos.

Tenho em mente que termos como **subjetividade, identidade, agenciamento**, que se apresentavam como seguros e estáveis nos primeiros passos das teorias feministas, tendo inclusive auxiliado na definição e aproximação entre os sujeitos do feminismo, passaram a ser problematizados como construções possivelmente redutoras a partir da segunda metade do século XX, o que foi largamente discutido em artigos que publicamos.

Enfocando a interdisciplinaridade característica dos estudos feministas desde seu surgimento, percebemos hoje uma afinação maior dos artigos que foram trazidos a público pela *Ártemis* com temáticas culturais e políticas, mais recentemente principalmente da área de Letras, com um enfoque feminista. O olhar sobre as temáticas identificado como, em sua maioria, produzido a partir da América Latina é outro traço frequente dos textos publicados mais recentemente. Se não da América Latina, certamente com enfoques afinados com a crítica à colonialidade e seus impactos ao longo da história cultural de países antes colonizados, produzindo e permitindo a atualização de teorias e visões de mundo a partir de outro arranjo de forças que não o hegemônico.

Pretendendo dar continuidade ao debate que fomenta atualizações das teorias que nos interessam, concordamos com o que defende Trinh Minh-há (1989, p.42) em seu livro *Woman, native, other: writing postcoloniality and feminism*,

A teoria deixa de ser teórica quando perde de vista sua própria natureza condicional, não se arriscando mais em especulações, circulando apenas como forma de inquisição administrativa. A teoria oprime quando perpetua as relações de poder existentes, quando se apresenta como um meio de exercer autoridade – a Voz do Conhecimento (tradução nossa¹).

¹ Esse debate é aprofundado em livro que publiquei em 2008, que consta na bibliografia.

Mesmo tendo maior ou menor afinidade com alguns grupos de pesquisa do Brasil e do exterior, a *Revista Ártemis* vem buscando dar espaço a várias vozes e visões sobre gênero e feminismo na atualidade. Daí nossos dossiês serem tão diversificados. Como disse a poeta, crítica e professora nativa dos Estados Unidos, Joy Harjo (1997, p.23), falando como mulher indígena:

Também apreciamos as diferenças entre nós e reconhecemos que, embora essas possam ser, por vezes, difíceis (o que envolve velhas inimizades entre tribos e costumes divergentes), também merecem ser apreciadas no que têm de positivo, já que diferenças dão maior dimensão a qualquer conhecimento (tradução nossa).

Trabalhar em grupo ao longo de duas décadas também é enfrentar dificuldades: de visões, de propostas, de formas de atuação. Ou seja, obviamente o corpo editorial não esteve em concordância o tempo todo. Contudo, nenhuma dessas diferenças fez com que o entusiasmo na busca por ver o resultado de cada número, o impacto dos artigos publicados e dos debates promovidos como realizações que importam e que conseguem impactar as organizações feministas com as quais dialogamos fosse menor. Portanto, nesse aniversário de vinte anos da *Ártemis*, só nos resta desejar que ao periódico continue a agregar profissionais, editoras e leitoras de olhos bem abertos para os enfoques que a revista sempre defendeu e promoveu! Vivas à Revista *Ártemis*!

Referências

HARJO, Joy & BIRD, Gloria. *Reinventing the enemy's language: contemporary Native women writings of North America*. New York: Norton & Company, 1997)

MINH-HÁ, Trinh. *Woman, native, other: writing postcoloniality and feminism*. Bloomington, Indiana University Press, 1989.

MONTERO, Rosa. *A louca da casa*. Trad. Paulina Wacht e Ari Roitman. Rio de Janeiro: Ed. Agir, 2008.

SCHNEIDER, Liane. *Escritoras indígenas e a literatura contemporânea dos EUA*. João Pessoa, Editora UFPB/Ideia, 2008.